



**CENTRO ESTUDO SUPERIORES DE ITAITUBA – CESUPI  
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI  
CURSO DE LETRAS VERNÁCULAS**

**ANÁLISES LINGÜÍSTICAS DE GÊNEROS TEXTUAIS**

**ROSIANE ROBERTA LIMA**

**ITAITUBA – PA**

**2015**

**ROSIANE ROBERTA LIMA**

**ANÁLISES LINGÜÍSTICAS DE GÊNEROS TEXTUAIS**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Letras Vernáculas da Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras, orientada pela professora Especialista Regina Maria C. Figueira.

**ITAITUBA - PARÁ  
2015**

LIMA, Rosiane Roberta. Análise Linguística de Gêneros Textuais /Rosiane Roberta Lima – Itaituba: OGLV da FAI, 2015. p.

Trabalho de Conclusão de Curso ( TCC ) – Faculdade de Itaituba – FAI, Curso de Graduação em Letras Vernáculas,, Itaituba, BR – PA, 2015.

Orientador: Prof<sup>a</sup> Esp..Regina Figueira.

1 Análise Linguística de Gêneros Textuais



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - CESUPI  
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
Autorizada e Credenciada pela Portaria do MEC Nº. 2557 de 15/09/2003  
Rua Governador Fernando Guilhon, Nº. 895  
CEP 68180-110 Itaituba-Pará.  
Telefone (93)3518-4320 Fax: (93)3518-4319

**ROSIANE ROBERTA LIMA**

## **ANÁLISE LINGUÍSTICA DE GÊNEROS TEXTUAIS**

Monografia de graduação apresentada para a  
obtenção do título de Licenciada Plena em  
Letras Vernáculas pela Faculdade de Itaituba.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Esp. Regina Figueira.

### **BANCA EXAMINADORA**

Presidente: \_\_\_\_\_ Nota: \_\_\_\_\_

???

Orientadora: \_\_\_\_\_ Nota: \_\_\_\_\_

Prof<sup>ª</sup>. Esp. Regina Figueira

Avaliador(a): \_\_\_\_\_ Nota: \_\_\_\_\_

Prof<sup>ª</sup>. Esp. ??

Resultado: \_\_\_\_\_ Média: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, minha maior força, inspiração, que me deu o poder de superar cada dificuldade que enfrentei durante esta trajetória.

À orientação da professora Regina Figueira e toda a paciência que teve, para entender as minhas ausências e dificuldades neste trabalho.

Aos meus companheiros de turma, pelos momentos de descontração e encontros, vivenciados a cada semestre.

Aos meus professores da Faculdade pelo empenho, cobrança e experiências trocadas.

Muito obrigada!

*“...é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum **gênero**, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum **texto**. Em outros termos, partimos da ideia de que a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual...”*  
(MARCUSCHI, 2010)

## RESUMO

Os gêneros textuais circulam em nosso meio social o tempo todo e em qualquer processo de interação verbal. E o professor deve conduzir o docente pelos caminhos da leitura para que o mesmo compreenda e conheça todos os caminhos e mecanismo de produção dos gêneros textuais. E entender todo o contexto, as características, a função da linguagem, os elementos linguísticos que configuram o texto são tarefas básicas de todo indivíduo e é papel da escola direcionar uma prática de ensino voltada para a função social dos gêneros. Baseadas em teorias de Marcuschi, Koch, Antunes, Bakhtin, Geraldi e outros autores, que falam desse dinamismo do processo de produção textual, apresentam-se, no bojo deste trabalho, várias análises de gêneros textuais, tais como: crônica, notícias, reportagens, propagandas, anedotas, piadas, charges, poema, entre outros, destacando a configuração dos gêneros textuais, características e, principalmente, os elementos linguísticos (coesão, coerência, pontuação, recursividade, função da linguagem, argumentação, figuras de linguagem etc.). Tais textos podem ser utilizados por professores de nível fundamental II (6º ao 9º anos) e ensino médio (1º ao 3º anos), como modelos para análise de texto, e assim, fugir do protótipo tradicionalista de interpretação de textos, em que se trabalham ainda numa perspectiva de análise fragmentada, baseada na gramática normativa.

**Palavras-chave:** Análise Textual – ensino – Gêneros Textuais

## SUMÁRIO

|                                                          |              |
|----------------------------------------------------------|--------------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                   | <b>.....</b> |
| <b>1. GÊNEROS DISCURSIVOS.....</b>                       | <b>10</b>    |
| 1.1 LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE.....                    | 11           |
| 1.2 TEXTO, DISCURSO E GÊNEROS TEXTUAIS.....              | 15           |
| 1.3 O QUE DIZEM OS PCN SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS...      | 19           |
| <b>2. ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS DE UM TEXTO.....</b>        | <b>21</b>    |
| 2.1 ARTICULAÇÃO DE TEXTOS .....                          | 21           |
| 2.1.1 Coesão textual.....                                | 22           |
| 2.1.2. A Coerência Textual.....                          | 24           |
| 2.1.3 Outros Elementos De Textualidade.....              | 25           |
| 2.2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA ANALISAR<br>TEXTOS.....   | 27           |
| <b>3. ANÁLISES LINGÜÍSTICAS DE GÊNEROS TEXTUAIS.....</b> | <b>36</b>    |
| 3.1 PESQUISAS, METODOLOGIA, DADOS.....                   | 36           |
| 3.1.1 Análise de uma anedota.....                        | 38           |
| 3.1.2 Análise de uma Crônica.....                        | 41           |
| 3.1.3 Análise de uma piada.....                          | 42           |
| 3.1.4 Análise de Charge.....                             | 44           |
| 3.1.5 Análise de uma fábula.....                         | 44           |
| 3.1.6 Análise de uma Notícia de Jornal.....              | 45           |
| 3.1.7 Análise de uma Propaganda.....                     | 45           |
| 3.1.8 Análise de Reportagem.....                         | 46           |
| 3.1.9 Análise de Artigo de Opinião.....                  | 48           |
| 3.1.10 Análise de um poema.....                          | 51           |
| 3.1.11 Análise de Conto .....                            | 53           |
| 3.1.12 Análise de Entrevista.....                        | 54           |
| 3.1.13 Análise de História em Quadrinhos .....           | 56           |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                    | <b>58</b>    |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....</b>                    | <b>60</b>    |

## LISTA DE FIGURAS

|                       |           |
|-----------------------|-----------|
| <b>Figura 1.....</b>  | <b>43</b> |
| <b>Figura 2.....</b>  | <b>46</b> |
| <b>Figura 3.....</b>  | <b>47</b> |
| <b>Figura 4 .....</b> | <b>58</b> |

## INTRODUÇÃO

O desafio do professor de Língua Portuguesa é trabalhar com seus alunos o processo de leitura, interpretação e produção textual de forma dinâmica, funcional e social. Para isto, precisa compreender que os estudos linguísticos apontam um ensino de mais qualidade, natural, fluente, no qual o aluno não chega sem conhecimento no ambiente escolar.

O presente trabalho pretende trabalhar com as análises dos gêneros discursivos, observando aspectos semânticos, lexicais, sintáticos, pragmáticos, morfológicos e que contribuem para a formação estrutural de gêneros que circulam na escola. É muito comum que alunos e professores se percam no processo de entendimento entre tipos e gêneros textuais. A partir de estudos feitos por Bakhtin, Marcuschi, Koch, Elias, Guimarães, Antunes, entre outros, serão abordadas teorias que nortearão tais análises discursivas.

Sabe-se que o texto é produzido com determinado objetivo, numa dada situação comunicativa e que o indivíduo não consegue se comunicar através de sentenças isoladas. Por isso, que o estudo gramatical prescritivo não surte tanto efeito, como esperavam os seus precursores. Um ensino pautado no texto, na capacidade de produção do indivíduo, de modo que ele entenda o que constrói e como interage, lendo o mundo em que vive, é a base de todo ensino de Língua Portuguesa.

Para se trabalhar as análises textuais, será feita uma abordagem sobre os conceitos de língua, cultura e identidade, texto discurso e gênero, além de abordar de que forma os Parâmetros Curriculares Nacionais, de Língua Portuguesa, concebe o ensino de gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa. E um segundo momento, serão explicitados os conceitos de texto e textualidade, elementos de textualidade, coesão e coerência e como analisar textos. Como base reflexiva, no terceiro capítulo serão feitas as análises de gêneros textuais, com textos pré-selecionados, enfocando os aspectos destacados e importantes, nas abordagens feitas.

Espera-se apresentar um material pedagógico e rico, que sirva de suporte para os docentes de Língua Portuguesa, para que os mesmos trabalhem tais análises em sala de aula, tornando as aulas de português mais interessantes e que tenham um real significado para a vida do aluno.

## 1. GÊNEROS DISCURSIVOS

### 1.1 LÍNGUA, CULTURA E IDENTIDADE

O ensino de Língua Portuguesa possui diversas teorias voltadas à sua prática escolar. O que mais dificulta o papel do professor é o ensino de leitura e de produção de textos escritos, uma vez que os alunos vêm de uma cultura que tende para a oralidade. Não se pode conceber a ideia de que o aluno chega “vazio” no espaço escolar. Aspectos culturais, linguísticos, sociais, históricos e psicológicos contribuem para a formação de uma identidade, de uma linguagem e de conhecimentos sólidos. Com isso, alguns conceitos serão abordados aqui, para que se possa compreender como o processo de ensino aprendizagem se constitui.

Língua cultura e identidade são termos que todo indivíduo conhece desde que nasce. Através deles que o ser humano tem o caráter da pluralidade, da vida social, dos conhecimentos que são construídos cotidianamente, num processo de interação constante. Durante este processo que língua, essa tríade de conhecimentos se transforma ininterruptamente.

Se o homem conhece a cultura como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55), um modo de vida que é regido pela língua, e se compreender que, ao longo da vida, o indivíduo passa por constantes processos de identificação e desidentificação com aquilo que o interpela, então, perceberá que língua, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, uma vez que é por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação.

Desde os tempos mais remotos, o homem almejava expressar seus pensamentos e sentimentos. O meio que encontrou para realizar tal intento foi o desenvolvimento da língua. Esse meio permitiu ao ser humano interagir verbalmente com o outro, exteriorizando seus pensamentos, expressando-se, comunicando-se, por meio da fala, da escrita e de outras formas de linguagem.

As relações sociais, então, estreitaram-se e as ideias, a cultura, as ideologias e os conhecimentos puderam ser amplamente difundidos. Tudo isso foi possibilitado pela língua que, conforme Hjelmslev *apud* Chauí (2006, p. 148), “é

inseparável do homem, segue-o em todos os seus atos”. De acordo com esta concepção, o autor explica que

A linguagem é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento, ela nos envolve e nos habita, assim como a envolvemos e a habitamos. Ter experiência da linguagem é ter uma experiência espantosa: emitimos e ouvimos sons, escrevemos e lemos letras, mas, sem que saibamos como, experimentamos e compreendemos sentidos, significados, significações, emoções, desejos, ideias. [...] É que a linguagem tem a capacidade especial de nos fazer pensar enquanto falamos e ouvimos, de nos levar a compreender nossos próprios pensamentos tanto quanto os dos outros que falamos conosco. As palavras nos fazem pensar e nos dão o que pensar porque se referem a significados, tanto os já conhecidos por outros quanto os já conhecidos por nós, bem como os que não conhecíamos e que descobrimos por estarmos conversando. (CHAUI:2006, 155)

Entende-se, assim, que a linguagem é hoje a base que sustenta toda a vida social, pois carecemos dela nos vários âmbitos: social, político, religioso, familiar, educacional, ideológico, midiático, econômico, amoroso. Por fim, a linguagem é o que medeia as relações sociais, permitindo que o indivíduo interaja neste ou naquele lugar social.

A linguagem, nessa concepção, é um instrumento que permite ao homem expressar-se e interagir com o outro. Ela é viva, uma vez que “vive e evolui historicamente na *comunicação verbal concreta*” (Bakhtin, 1997: 124), por isso está em contínuo movimento, uma vez que só existe nas relações sociais, que se caracterizam justamente por este processo de movência. Ainda segundo o autor

[...] a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência. (BAKHTIN, 1997: 107-108)

Além da linguagem, há uma vasta gama de atividades sociais apoiadas ao mesmo tempo em princípios cognitivos e sociais (entre as quais a psicologia social, a antropologia cognitiva e a semiótica numa visão cognitivista) que, em função da natureza dos fenômenos estudados, requerem a revisão e superação dos modelos

formalistas (BENÁRDEZ, 2004). Nesse sentido, com relação à linguagem, Bernárdez (2004, p. 29) defende, entre outros, os seguintes princípios para embasar a investigação linguística:

- A linguagem é seu uso, em interação com os princípios cognitivos utilizados para seu processamento. Todo fenômeno linguístico põe em jogo diversos aspectos reconhecíveis na linguagem.
- A linguagem deve ser estudada empiricamente, partindo-se da observação para estabelecer hipóteses acerca da existência de princípios que expliquem os fatos identificados; esses princípios devem ser testados em novos fatos linguísticos.

As concepções de língua, como de resto todas as construções da ciência em todas as áreas do conhecimento, passaram, ao longo da história, por vários estágios. Em seu percurso evolutivo, a noção de língua foi sendo construída a partir de diferentes compreensões acerca do objeto de investigação e da própria metodologia, culminando, na atualidade, com a divisão em duas grandes correntes: a da língua como sistema e a da língua como atividade sociocognitiva historicamente situada. Na verdade, é preciso que esses extremos sejam compreendidos não como mutuamente excludentes, mas como as duas faces da mesma moeda. Essas duas dimensões constituintes da língua, ou o que Bronckart (2003) denomina de “duplo estatuto da língua”, estão na base da distinção entre linguística do sistema e linguística do discurso, no interior das quais existem várias tendências.

Pode-se dizer que, o indivíduo, ao nascer, é inserido na corrente da comunicação verbal, entretanto, a língua não se configura como algo pronto e acabado, ela está em um contínuo processo de construção. Além disso, em consenso com Bakhtin, confirma-se que os indivíduos são inseridos na teia social por meio da língua. É ela quem vai possibilitar aos mesmos o contato com a cultura, com as ideologias, com as identidades, tornando-se um instrumento para que eles possam interagir linguisticamente e socialmente com seus semelhantes.

Por descreverem a língua de modo imanente, sem contemplar seus contextos de uso, a teoria estruturalista e a gerativa compõem o grupo da linguística do sistema. A linguística do discurso tem como foco as manifestações verbais concretas, realizadas por indivíduos também concretos, em situações de comunicação no mundo real (KOCH, 2001).

Sendo assim, Marcuschi (2001:2) corrobora com a concepção de língua que direciona e redimensiona toda a atividade humana de produção discursiva:

A língua se manifesta como um conjunto de práticas sociointerativas de modo que “os efeitos de codificação e de standardização não são os únicos aspectos definidores da língua; eles são o resultado de práticas sedimentadas” que devem ser descritas nos seus efeitos constituintes. Por isso, não é a língua como sistema nem como forma que está aqui em evidência e sim a língua enquanto atividade social, interativa e cognitiva.

Silva (2000: 89), a identidade “é um significado – cultural e socialmente atribuído”. Por isso, ela não é “fixa, estável, coerente, unificada, permanente [...] tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental.” (idem: 97). Ao contrário, identidade é uma “construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. O autor destaca ainda que a identidade “é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada.” (Ibidem: idem)

Ao concordar com o autor, então, passa-se a defender que a(s) identidade(s) é marcada pela inconstância, uma vez que é uma construção. Tudo que é construído é passível de mudanças, alterações, inclusões. A identificação, por seu turno, é

Construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal (SILVA: 2000, 106).

Entende-se que, a partir do processo de identificação do indivíduo com alguma ideia, ele assume uma posição, ou seja, uma identidade. Conforme Hall (2004):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL: 2004, 12-13).

Essas ideias são divulgadas a partir através das situações comunicativas em que o sujeito está inserido e que sua atuação no contexto social não se dá de forma evasiva, lacônica, usando os gêneros discursivos que mais se adequarem à sua

identidade cultural e linguística. Portanto, nos próximos tópicos serão abordados os conceitos de texto e discurso e seus constituintes.

## 2.2 TEXTO, DISCURSO E GÊNEROS TEXTUAIS

De acordo com Bakhtin (2000), as diversas esferas das atividades humanas estão ligadas ao uso da linguagem. O emprego da língua é efetuado por meio de enunciados que podem ser orais ou escritos, concretos e únicos. Esses enunciados refletem as condições e finalidades de cada uma dessas esferas por meio de seu conteúdo temático, estilo e construção composicional. Assim, cada uma dessas esferas elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, a isso Bakhtin chama de gêneros do discurso. Essas esferas são responsáveis, também, pela diversidade infinita dos gêneros.

Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (Bakhtin, 2000, p. 302).

Essa afirmação enfatiza a origem e a constituição sociocultural dos gêneros que não devem, todavia, ser entendidos como formas rígidas, uma vez que são fruto de uma atividade humana tão natural, a linguagem verbal. Daí dizer-se, na Linguística, que são formas resultantes de situações de interação verbal e da reflexão do homem sobre essas formas de maior ou menor complexidade que vão se estabelecendo culturalmente. A diversidade de formas atende à diversidade de funções exercidas pela linguagem no universo sócio-cultural.

A divisão dos gêneros depende, em particular, da oposição da fala de 'alguém', da fala do outro, daquela que eu reivindico como minha, daquela à qual estou habituado ou que me espanta, daquela que eu imito, aquela à qual eu respondo, aquela que eu comento, aquela à qual eu recuso responder ou aquela que me deixa sem voz [...]. (Brait, 1997, 201).

Faz-se necessário aqui apresentar os conceitos de discurso e de texto, que estão intrinsecamente ligados aos gêneros. Meurer e Motta-Roth apresentam definições destes temas:

**Discurso:** É o conjunto de afirmações que, articuladas através da linguagem, expressam os valores e significados das diferentes instituições (religiosas, políticas, mercadológicas, educacionais etc.).  
**Texto:** É a realização verbal, não-verbal ou sincrética na qual se manifesta o discurso. (Meurer e Motta-Roth, 1997:16)

Ambos são interdependentes e dependem de uma situação comunicativa constituída para existir. Podemos dizer que o texto são os elementos que constituem o discurso, que, por sua vez, funciona como o transmissor das ideologias de um indivíduo. Koch & Travaglia postulam que

O texto é uma unidade linguística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. (KOCH e TRAVAGLIA, 2007: 23)

Nessa definição, é importante notar que o sentido atribuído ao texto nunca é fixo, pois varia de acordo com a *situação comunicativa*, ou seja, sujeitos diferentes atribuem sentidos diferentes aos textos, de acordo com situações comunicativas diferentes. Por exemplo, a palavra *pão* pode adquirir um sentido místico se utilizada num contexto religioso; um sentido puramente alimentar se utilizada num contexto de alimentação. No entanto, mesmo nesse último caso, um sujeito que está submetido à fome interpretará essa palavra de um modo muito diferente, se comparado com alguém para quem não falta comida.

O discurso é um dos aspectos da materialidade ideológica, por isso, ele só tem sentido para um sujeito quando este o reconhece como pertencente a determinada formação discursiva. Os valores ideológicos de uma formação social estão representados no discurso por uma série de formações imaginárias, que designam o lugar que o destinador e o destinatário se atribuem mutuamente (Pêcheux, 1990, p.18).

Segundo Fiorin, discurso se relaciona entre aspectos linguísticos e históricos, pois o indivíduo durante o processo de interação verbal, consegue modificar sua história, sua vida e sua sociedade. Para o autor,

O discurso deve ser visto como objeto linguístico e como objeto histórico. Nem se pode descartar a pesquisa sobre os mecanismos responsáveis pela produção do sentido e pela estruturação do discurso nem sobre os elementos pulsionais e sociais que o atravessam. Esses dois pontos de vista não são excludentes nem metodologicamente heterogêneos. A pesquisa hoje precisa aprofundar o conhecimento dos mecanismos sintáticos e semânticos geradores de sentido; de outro, necessita compreender o discurso como objeto cultural, produzido a partir de certas condicionantes históricas, em relação dialógica com outros textos. (FIORIN,1990:177)

Em qualquer lugar onde haja linguagem, atividade humana, há gêneros textuais ou discursivos, orais ou escritos. Na vida há uma multiplicidade deles, porque também são diversas as esferas de produção da linguagem. Assim, no supermercado se deparam com vários deles, desde o panfleto que, em geral, se recebe logo que se entra no ambiente, bem como uma infinidade de placas, indicações de ofertas, letreiros, até a conta final que se recebe no caixa. Portanto, de situações em situações, nos mais diversos lugares sempre há gêneros em formatos também diversos.

Os gêneros são tão diversos quanto permite a esfera da atividade humana em que se produz a linguagem. Assim, cada esfera elabora seus gêneros, de acordo com aspectos sociais próprios, finalidades comunicativas e especificidades das situações de interação em que os enunciados estão sendo produzidos.

A denominação de gênero discursivo é apresentada pela primeira vez pelo autor russo Mikhail Bakhtin como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1979: 279). Os gêneros de que os interlocutores sociais fazem uso nas interações verbais são tão diversos e heterogêneos quanto à diversidade de esferas de circulação social nas interações verbais e na diversidade da atividade humana.

Nas diversas esferas de circulação, “a utilização da língua se efetua em forma de enunciados” (BAKHTIN, 1979: 279) ou pela heterogeneidade de gêneros que os constitui e, de acordo com as condições e finalidades de cada uma dessas esferas, podemos encontrar uma diversidade de gêneros discursivos que se modificam e se ampliam a cada novo contexto social e histórico de circulação.

A respeito da aquisição e domínio desses gêneros discursivos por parte dos sujeitos, Bakhtin (1992: 302) afirma que

(...) as formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência

conjuntamente. (...) Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

A rigor, Marcuschi opera com a mesma noção de gênero empregada na obra de Bakhtin: gêneros discursivos, por ele denominados gênero textual\_, são formas de uso da língua, construídas à luz dos objetivos dos falantes e da natureza do tópico (tema) proposto na situação comunicativa. Pondera igualmente que “os gêneros não “existem” objetivamente como um dado, mas se constroem na interação comunicativa e são fenômenos contextualmente situados” (MARCUSCHI,1995:p.34). Bakhtin e Marcuschi usam terminologias diferentes para gêneros discursivos ou gêneros textuais, mas se configuram a mesma coisa.

Historicamente gerados no e pelo trabalho linguístico empreendido pelos sujeitos, os gêneros discursivos submetem-se a um conjunto de condições que cercam o seu funcionamento comunicativo, discursivo, definido em e por seus processos de produção e recepção, bem como o seu circuito de difusão, a saber: a instância social de uso da linguagem (pública ou privada); os interlocutores (locutor e destinatário); o lugar e o papel que cada um desses sujeitos representa no processo interlocutivo, os quais, em grau maior ou menor, sofrem as injunções do lugar social que cada um ocupa na sociedade; a relação de formalidade ou não entre eles; o jogo de imagens ali presente e o jogo de vozes socialmente situadas, orientando o que pode ou não ser dito e como deve fazê-lo; a atitude enunciativa do locutor (intuito discursivo) em relação ao seu objeto de dizer e ao seu destinatário; as expectativas e finalidades deste aliadas a sua atitude responsiva em relação ao que está sendo enunciado; o registro e a modalidade linguística e o veículo de circulação. (MARCUSCHI, 2003: 36)

Na base dessas reflexões sobre gênero discursivo está o pressuposto de que a linguagem é uma atividade constitutiva cujo espaço de realização e construção é a interação verbal.

Constata-se que, os gêneros textuais ou discursivos apresentam aspectos específicos que definem sua composição. Nesse sentido, é em conformidade com a esfera comunicativa, o propósito do enunciador e o contexto em que vai circular que se dá a constituição dos gêneros.

Quando se vai produzir qualquer escrita, seleciona-se um gênero para formatar nossos enunciados. Ninguém escreve aleatoriamente. Produz-se gêneros textuais ou discursivos, de acordo com finalidades específicas. Logo, é válido lembrar que

Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. Assim, um gênero pode não ter uma determinada propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero. Por exemplo, uma carta pessoal ainda é uma carta, mesmo que a autora tenha esquecido de assinar o nome no final e só tenha dito no início: 'querida mamãe'. (Marcuschi, 2002: 30).

Assim, na escola, seria um equívoco trabalhar com os gêneros como se fossem “moldes” prontos, que o aluno só teria de “preencher”, sem levar em conta a situação de interação. Mesmo havendo características comuns a vários exemplares do gênero, ocorrem variações. Por exemplo, no gênero carta pessoal, a saudação poderá ser bem variada, dependendo dos interlocutores e do grau de intimidade- *Querido papai; Amiga, Fofinho, Prezada Tia Maria, Meu amor, Gabriela, Mainha*, entre outros – ou até poderá nem existir.

Os modelos fixos, portanto, podem ser uma “armadilha”, pois desconsideram que os gêneros são intrinsecamente ligados à situação de interação social e cultural específica, logo, são maleáveis até certo ponto.

### 2.3 O QUE DIZEM OS PCN SOBRE OS GÊNEROS TEXTUAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são um instrumento desenvolvido por especialistas e educadores do Brasil visando criar um referencial para o ensino do país. Seu objetivo principal é direcionar e auxiliar as equipes escolares no planejamento e na execução de práticas didáticas, além de incentivar a reflexão dos professores e demais profissionais da educação acerca de suas práticas. É um instrumento que serve, também, para prover conhecimento aos educadores com menor acesso às informações, dando-lhes a oportunidade de reconhecer e praticar novas metodologias educativas.

A finalidade dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa é constituir-se em referência para as discussões curriculares da área - em curso há

vários anos em muitos estados e municípios - e contribuir com técnicos e professores no processo de revisão e elaboração de propostas didáticas. (BRASIL. Ministério da Educação. PCN Ensino fundamental, 1998: 13).

Ao produzirmos textos, o fazemos de uma forma, como uma finalidade e acerca de certo conteúdo. Essa produção depende da situação interativa em que o sujeito se encontra e que varia conforme esse contexto. Todo esse “entorno” delimitado pelo gênero textual e deve ser dominado pelos alunos de forma a se tornarem capazes de interagir em diferentes situações comunicativas. É, então, objetivo do ensino de Língua Portuguesa, nos PCN levar o aluno a

(...) utilizar as diferentes linguagens - verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, *atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação*; (BRASIL. Ministério da Educação. PCN Ensino fundamental, 1998: 8)

Certamente, os PCN são instrumentos valiosos na reestruturação do ensino em nosso país e procuram ser coerentes com as demandas na educação brasileira. O material é de fácil acesso físico, disponibilizado nas escolas públicas e particulares, bibliotecas e internet, mas é, ao mesmo tempo, distante do professor que desconhece as discussões ali apresentadas e os fundamentos que as sustentam.

Precisa-se reconhecer que a língua deve ser considerada não como um instrumento de transmissão de mensagens, mas como processo de interação entre sujeitos, em que há constante (re)construção de sentido e formulação de hipóteses, através das pistas deixadas em qualquer texto oral ou escrito. E, enfim, entender que, visto que a linguagem se materializa em textos, orais ou escritos, o aperfeiçoamento da prática de interação linguística só é possível tendo o texto como unidade suporte.

É necessário ressaltar que o conceito de gênero precisa ser consolidado na esfera educacional, assim, como o reconhecimento dos tipos como internos e dependentes do gênero.

## 2. ELEMENTOS LINGÜÍSTICOS DE UM TEXTO

### 2.1 ARTICULAÇÃO DE TEXTOS

Muitos indivíduos pensam que produzir texto tem uma receita pronta, com ingredientes organizados, coerentes e coesos, prontamente estruturados para transmitir uma mensagem, num dado momento comunicativo.

Para que o texto seja texto, não apenas uma sequência de frases, precisa ter textualidade. Tais características são identificadas pela conjuntura organizacional do texto. Aspectos relevantes como mecanismos de coesão e fatores de coerência, a intencionalidade, a situacionalidade, a informatividade, a aceitabilidade e a intertextualidade. Tais aspectos estão intrinsecamente relacionados à pragmática. Antunes (2007:21) aponta que:

*(...) surpreende reconhecer quanto diferem os olhares observadores dos que fazem da língua um objeto de ciência, e os olhares míticos dos que cristalizaram verdades irrefutáveis, entre os quais, por vezes, se incluem até mesmo os olhares daqueles que assumem a tarefa pedagógica de orientar o ensino. Essa diferença de olhares.*

A articulação dos/entre parágrafos depende da coesão e coerência. Sem um deles, ainda assim, é possível haver entendimento textual, entretanto, há necessidade de ter domínio da língua e do contexto para escrever um texto de tal forma. Dependendo da tipologia textual, a articulação textual se dá de forma diferente.

Na narração, por exemplo, não há necessidade de ter um parágrafo com mais de um período. Um parágrafo narrativo pode ser apenas “Oi”. Já a dissertação necessita ter ao menos um parágrafo com introdução e desenvolvimento (conclusão; opcional). Assim também varia a necessidade de números de parágrafos para cada texto. Para se obter um bom texto, são necessários também: concisão, clareza, correção, adequação de linguagem, expressividade.

Para não ser ludibriado pela articulação do contexto, é necessário que se esteja atento à coesão e à coerência textuais.

### 2.1.1 Coesão textual

A Coesão Textual é a manifestação linguística da coerência. Provém da forma como as relações lógico-semânticas do texto são expressas na superfície textual. Assim, a coesão de um texto é verificada mediante a análise de seus mecanismos lexicais e gramaticais de construção.

Os processos de coesão textual são eminentemente semânticos, e ocorrem quando a interpretação de um elemento no discurso depende da interpretação de outro elemento. Embora seja uma relação semântica, a coesão envolve todos os componentes do sistema léxico-gramatical.

Portanto há formas de coesão realizadas através da gramática, e outra através do léxico. Deve-se ter em mente que a coesão não é condição necessária nem suficiente para a existência do texto. Podemos encontrar textualidade em textos que não apresentam recursos coesivos; em contrapartida a coesão não é suficiente para que um texto tenha textualidade.

Segundo Halliday & Hasan (apud KOCH 1999), há cinco diferentes mecanismos de coesão:

➤ *Referência*: elementos referenciais são os que não podem ser interpretados por si próprios, mas têm que ser relacionados a outros elementos no discurso para serem compreendidos. Há dois tipos de referência: a situacional (exofórica) feita a algum elemento da situação e a textual (endofórica).

Ex: *Você não se arrependerá de ler este anúncio.* – exofórica / *Paulo e José são advogados. Eles se formaram na PUC.* –(endofórica).

➤ *Substituição*: colocação de um item no lugar de outro no texto, seja este outro uma palavra, seja uma oração inteira. Ex: *Pedro comprou um carro e José também.* O professor acha que os alunos estão preparados, mas eu não penso assim.

Para Halliday & Hasan, a distinção entre referência e substituição, está em que, na ocorrência desta, há uma readaptação sintática a novos sujeitos ou novas especificações. Ex: *Pedro comprou uma camisa vermelha, mas eu preferi uma verde.* (Há alteração de uma camisa vermelha para uma camisa verde).

➤ *Elipse*: substituição por omissão de um item, de uma palavra, um sintagma, ou uma frase: “ – Você vai à Faculdade hoje?” / “– Não”.

➤ **Conjunção:** este tipo de coesão permite estabelecer relações significativas entre elementos e palavras do texto. Realiza-se através de conectores como e, mas, depois etc. Há elementos meramente continuativos: agora (abre um novo estágio na comunicação, um novo ponto de argumentação, ou atitude tomada ou considerada pelo falante); bem (significa "eu sei de que trata a questão e vou dar uma resposta")

➤ **Coesão lexical:** obtida através de dois mecanismos: repetição de um mesmo item lexical, ou sinônimos, pronomes, hipônimos, ou heterônimos. Ex: O *Presidente* foi ao cinema ver *Tropa de elite*. *Ele* levou a esposa. Vi ontem um *menino de rua* correndo pelo asfalto. O *moleque* parecia assustado. Assisti ontem a um documentário sobre *papagaios mergulhadores*. *Esses pássaros* podem nadar a razoáveis profundidades.

➤ **Colocação:** Uso de termos pertencentes a um mesmo campo semântico. Ex: Houve um grande *acidente* na estrada. Dezenas de ambulâncias transportaram os *feridos* para o *hospital* mais próximo.

Koch, tomando por base os mecanismos coesivos na construção do texto, estabelece a existência de duas modalidades de coesão:

➤ **Coesão Referencial:** existe coesão entre dois elementos de um texto, quando um deles para ser interpretado semanticamente, exige a consideração do outro, que pode aparecer depois ou antes do primeiro (catáfora e anáfora, respectivamente):

– *Ele* era tão bom, *o meu marido*! (Catáfora).

– O homem subiu as escadas correndo. Lá em cima ele bateu furiosamente à uma porta. (Anáfora).

A forma retomada pelo elemento coesivo chama-se referente. O elemento, cuja interpretação necessita do referente, chama-se forma remissiva. O referente tanto pode ser um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração, ou todo um enunciado.

Como exemplos, temos: “A mulher criticava duramente todas as suas decisões. *Isso* o aborrecia profundamente. (Oração)”.

“Perto da estação havia uma pequena estalagem. *Lá* reuniam-se os trabalhadores da ferrovia. (Sintagma Nominal)”.

“No quintal, as crianças brincavam. O prédio vizinho estava em construção. Os carros passavam buzinando. *Tudo isso* tirava-me a concentração. (Enunciado)”.

Elementos de várias categorias diferentes podem servir de formas remissivas:

- *Pronomes possessivos* – Joana vendeu a casa. Depois que *seus* pais morreram, ela não quis ficar lá.
- *Pronomes relativos* – É esta *a árvore à cuja* sombra sentam-se os viajantes.
- *Advérbios* – Antônio acha *que a desonestidade não compensa*, mas nem todos pensam *assim*.
- *Nomes ou grupos nominais* – Imagina-se *que existam outros planetas habitados*. Essa hipótese se confirma pelo grande número de OVNI's avistados.

➤ **Coesão Sequencial:** conjunto de procedimentos linguísticos que relacionam o que foi dito ao que vai ser dito, estabelecendo relações semânticas e/ou pragmáticas à medida que faz o texto progredir. Os elementos que marcam a coesão sequencial são chamados relatores e podem estabelecer uma série de relações. Abaixo apresenta-se uma lista de operadores discursivos:

- implicação entre um antecedente e um conseqüente:* se.
- restrição, oposição, contraste:* ainda que, mas, no entanto, etc.
- soma de argumentos a favor de uma conclusão:* e, bem como, também etc.
- justificativa, explicação do ato de fala:* pois, porque etc.
- introdução de exemplificação ou especificação:* seja...seja, como etc.
- alternativa (disjunção):* ou etc.
- extensão, amplificação:* aliás, também etc.
- correção:* isto é, ou melhor etc.

E mais as relações estabelecidas por outras conjunções coordenadas e subordinadas.

### **2.1.2. A Coerência Textual**

Dos trabalhos que desenvolvem os aspectos da coerência dos textos, o de Charolles (1978) é frequentemente citado em estudos descritivos e aplicados. Partindo da noção de textualidade apresentada por Beaugrande e Dressier, Charolles também entende a coerência como uma propriedade ideativa do texto e enumera as quatro meta-regras que um texto coerente deve apresentar:

• *Repetição*: Diz respeito à necessária retomada de elementos no decorrer do discurso. Um texto coerente tem unidade, já que nele há a permanência de elementos constantes no seu desenvolvimento. Um texto que trate a cada passo de assuntos diferentes sem um explícito ponto comum não tem continuidade. Um texto coerente apresenta continuidade semântica na retomada de conceitos, ideias. Isto fica evidente na utilização de recursos linguísticos específicos como pronomes, repetição de palavras, sinônimos, hipônimos, hiperônimos etc. Os processos coesivos de continuidade só se podem dar com elementos expressos na superfície textual; um elemento coesivo sem referente expresso, ou com mais de um] referente possível, torna o texto malformado.

• *Progressão*: O texto deve retomar seus elementos conceituais e formais, mas não deve limitar-se a isso. Deve, sim, apresentar novas informações a propósito dos elementos mencionados. Os acréscimos semânticos fazem o sentido do texto progredir. No plano da coerência, percebe-se a progressão pela soma das ideias novas às que são já tratadas. Há muitos recursos capazes de conferir sequenciação a um texto.

• *Não-contradição*: um texto precisa respeitar princípios lógicos elementares. Não pode afirmar A e o contrário de A. Suas ocorrências não podem se contradizer, devem ser compatíveis entre si e com o mundo a que se referem, já que o mundo textual tem que ser compatível com o mundo que representa. Esta não-contradição expressa-se nos elementos linguísticos, no uso do vocabulário, por exemplo. Em redações escolares, costuma-se encontrar significantes que não condizem com os significados pretendidos. Isso resulta do desconhecimento, por parte do emissor, do vocabulário a que recorreu.

• *Relação*: um texto articulado coerentemente possui relações estabelecidas, firmemente, entre suas informações, e essas têm a ver umas com as outras. A relação em um texto refere-se à forma como seus conceitos se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns em relação aos outros. As relações entre os fatos têm que estar presentes e ser pertinentes.

### **2.1.3 Outros Elementos de Textualidade**

Além da coesão e coerência, outros fatores dão o caráter de textualidade ao texto. Tais fatores estão ligados aos aspectos pragmáticos que norteiam o texto, ressaltando a relação entre discurso – interlocutores – situação comunicativa.

Todo indivíduo prepara seu discurso com um determinado objetivo, organizando suas ideias coerentemente, com elementos de coesão, com intenção, informação e relevância, que poderão ser aceitas por quem participa do ato comunicativo.

A seguir, relaciona-se e detalha-se concisamente cada fator de textualidade, tendo como base as teorias de Ingedore V. Koch (1999):

➤ Intencionalidade

Refere-se ao esforço do produtor do texto em construir uma comunicação eficiente capaz de satisfazer os objetivos de ambos os interlocutores. Quer dizer, o texto produzido deverá ser compatível com as intenções comunicativas de quem o produz.

➤ Aceitabilidade

O texto produzido também deverá ser compatível com a expectativa do receptor em colocar-se diante de um texto coerente, coeso, útil e relevante. O contrato de cooperação estabelecido pelo produtor e pelo receptor permite que a comunicação apresente falhas de quantidade e de qualidade, sem que haja vazios comunicativos. Isso se dá porque o receptor esforça-se em compreender os textos produzidos.

➤ Informatividade

É a medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, pelo receptor. Um discurso menos previsível tem mais informatividade. Sua recepção é mais trabalhosa, porém mais interessante, envolvente.

O excesso de informatividade pode ser rejeitado pelo receptor, que não poderá processá-lo. O ideal é que o texto se mantenha num nível mediano de informatividade, que fale de informações que tragam novidades, mas que venham ligadas a dados conhecidos.

➤ Situacionalidade

É a adequação do texto a uma situação comunicativa, ao contexto. Note-se que a situação orienta o sentido do discurso, tanto na sua produção como na sua interpretação. Por isso, muitas vezes, menos coeso e, aparentemente, menos claro pode funcionar melhor em determinadas situações do que outro de configuração mais completa.

É importante notar que a situação comunicativa interfere na produção do texto, assim como este tem reflexos sobre toda a situação, já que o texto não é um simples reflexo do mundo real. O homem serve de mediador, com suas crenças e ideias, recriando a situação. O mesmo objeto é descrito por duas pessoas distintamente, pois elas o encaram de modo diverso. Muitos linguistas têm-se preocupado em desenvolver cada um dos fatores citados, ressaltando sua importância na construção dos textos.

#### ➤ Intertextualidade

Concerne aos fatores que tornam a interpretação de um texto dependente da interpretação de outros. Cada texto constrói-se, não isoladamente, mas em relação a outro já dito, do qual abstrai alguns aspectos para dar-lhes outra feição. O contexto de um texto também pode ser outros textos com os quais se relaciona.

A intertextualidade consiste no uso de ideias existentes e divulgadas. No entanto, o texto para ser inteligível no ato enunciativo, precisa de que o interlocutor, estejam no mesmo nível de conhecimento sobre o assunto abordado. São tipos intertextuais mais conhecidos: paródia, alusão, pastiche, citação.

Todo os elementos citados anteriormente neste capítulo, abrem precedentes para o processo de análise textual, que será desenvolvido no tópico seguinte, para demonstrar como pode ser feita uma análise de texto e quais elementos podem ser seguidos para o entendimento do texto.

## 2.2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA ANALISAR TEXTOS

Os elementos de textualidade devem ser considerados quando se faz análise textual. Há, no entanto, outros aspectos considerados relevantes, que estão além da estrutura textual, ou da classificação tipológica ou de nomenclaturas de gêneros textuais.

Para se entender como ocorre o processo de análise textual, apresenta-se aqui um aporte etimológico da palavra análise e os tipos de análises textuais existentes.

Consultando o dicionário observa-se que a definição da palavra análise, significa “decomposição de um todo em suas partes constituintes; exame de cada parte do todo” (BUENO, 1996: 50).

Para Lakatos e Marconi (2001: 23), “analisar é, [...], decompor um todo em suas partes, a fim de poder efetuar um estudo mais completo. Porém, o mais importante não é reproduzir a estrutura do plano, mas indicar os tipos de relações existentes entre as ideias expostas. Analisar significa decompor um texto em partes para facilitar sua interpretação.

De acordo Santos (2001, p. 26), a análise “se prende ao fim ou objetivo a que se destina o estudo; desenvolve-se pela explicação, descrição, avaliação”. Andrade (2006: 23) aponta para três tipos de análise:

- *Análise textual* - leitura que tem por objetivo uma visão global, assinalando: estilo, vocabulário, fatos, doutrinas, época, autor, ou seja, um levantamento dos elementos importantes do texto.
- *Análise temática* – apreensão de conteúdo ou tema, isto é, identificação da ideia central e das secundárias, processos de raciocínio, tipos de argumentação, problemas, enfim, um do pensamento do autor.
- *Análise interpretativa* – demonstração dos tipos de relações entre as ideias do autor em razão do contexto científico e filosófico de diferentes épocas; análise crítica ou avaliação; discussão e julgamento do conteúdo do texto.

Percebe-se que por meio da análise pode-se identificar as partes de um todo, verificar suas relações, partindo de uma ideia geral para ideias mais específicas (LAKATOS; MARCONI: 2001). Estas autoras chamam atenção para as finalidades e procedimentos da leitura:

#### I. Finalidades da leitura

- a) aprender a ler e a selecionar o mais importante dentro do que está sendo lido;
- b) reconhecer a organização e estrutura do material bibliográfico;
- c) interpretar o texto, acostumando-se com as ideias, estilos e vocabulários;
- d) alcançar níveis mais profundos de compreensão;
- e) reconhecer o valor do material, separando o importante do secundário;

- f) estar apto a distinguir fatos, hipóteses e problemas;
- g) encontrar as ideias principais e as secundárias;
- h) entender como as ideias se relacionam;
- i) identificar as conclusões e as bases que as fundamentam.

## II. Procedimentos da leitura

Para se obter uma leitura proveitosa e compreender o que foi lido devem ser seguidos os passos abaixo:

- Quando o texto for selecionado, faz-se sua leitura completa, para ter uma visão geral do todo. Em seguida deve-se reler o texto e assinalar palavras ou expressões desconhecidas, que devem ser consultadas em dicionário.
- Esclarecidas as dúvidas, fazer uma nova leitura, para compreensão do todo.
- Tornar a ler, procurando a ideia central, que pode estar implícita ou explícita no texto.
- Localizar acontecimentos ou ideias, comparando-as entre si e procurando semelhanças e diferenças existentes.
- Agrupá-los pelo menos por semelhança importante e organizá-los por ordem hierárquica de importância.
- Interpretar as ideias do autor e descobrir suas conclusões.

Irlandé Antunes (2010) postula que todo texto precisa ser analisado no âmbito geral. Para a autora, “muitos fatos da língua, sobretudo aqueles relativos a seu funcionamento, não cabem nos limites da frase” (p. 46). Postura que muitos leitores adquiriram devido ao processo de ensino, que manteve durante muito tempo um enfoque gramatical e fragmento no ensino de interpretação de textos nas escolas. Para a autora,

Arrancar a frase do texto para tentar analisa-la isoladamente seria o mesmo que arrancar um tijolo de um edifício completo e analisar esse tijolo em seus aspectos materiais (peso, largura, comprimento, composição química...) sem levar em consideração o papel que ele desempenha nesse edifício, em que posição ele se encontra em relação aos demais tijolo, quanto peso ele suporta e por aí vai... (2010: 46)

Antunes (2010) enfatiza que com a análise de textos pretende-se desenvolver nossa capacidade de perceber as propriedades, as estratégias, os meios, os recursos, os efeitos, enfim, as regularidades implicadas no funcionamento da

língua em processos comunicativos de sociedades concretas, o que envolve a produção e a circulação de todos os tipos de “textos-em-função”.

A própria atividades de análise textual é fundamental para desenvolver nossa capacidade de perceber, de enxergar, de identificar os fenômenos ou os fatos que ocorrem nos textos. Evidentemente, as atividades de fala e escrita também ganham com a prática da análise, pois, por ela, passa-se a compreender aspectos dos processos cognitivos, linguísticos, textuais e pragmáticos, envolvidos no processo de interação verbal.

Assim, Antunes apresenta as finalidades da análise textual, com ênfase no desenvolvimento de: *competências para a compreensão; competências para a análise e, meio indiretamente, competência para os usos da fala e da escrita* (ANTUNES, 2010: 51).

A partir de todos os debates que houve no meio linguístico, percebeu-se que o desenvolvimento dessas competências torna o leitor mais apto para compreender os gêneros textuais ao seu redor.

As exigências atuais, muito mais que noutras época, recaem sobre pessoa capazes de atuarem socialmente, com versatilidade, com criatividade, com fluência, com desenvoltura, com clareza, com consistência, na discussão, na análise e na condução das mais diferentes situações sociais – do espaço familiar ao espaço do trabalho. Isso desloca, necessariamente os objetivos da língua na direção da reflexão investigadora, da análise dos usos sociais da língua – escrita e falada, verbal e multimodal – e da aplicabilidade relevante do que se ensina, do que se aprende. (idem, p. 52)

Considerando o que se tem de perspectivas sobre quais textos analisar, Antunes (idem, 52) é bem clara, quando reforça que qualquer texto pode ser analisado.

... todos os textos, de qualquer tipo ou gênero, de qualquer tamanho ou função, textos verbais (orais ou escritos) e não-verbais e textos multimodais (imagens, charge, histórias em quadrinhos, gráficos, tabelas, mapas) podem ser objeto de análise.

No entanto, a autora reitera que a escola deste material se prende a certas circunstâncias, como tipo ou gênero, exemplificando, certas particularidades de cada um.

Há também que se considerar os eixos que são trabalhados na escola. Ao que se refere à oralidade, deve ser de interesse da escola promover diferentes situações de interação, com distintas finalidades e destinadas a grupos variados de interlocutores. A escola deve possibilitar ao aluno o contato com a diversidade linguística, com a qual o mesmo convive e/ou criar situações de contextos sociais, que exigem um nível de linguagem mais formal.

(...) cabem assim as iniciativas para promover atividades que ponham o aluno em contato real com gêneros orais mais complexos e formais como: debate, seminário, apresentação de trabalhos em grupo, defesa ou justificativa de pontos de vista, de propostas, exposição de pontos teóricos ou de ideias, entrevista, apresentação de pessoas, de programas, de eventos etc. São situações que exploram não apenas as competências do aluno para o planejamento e a condução de um evento comunicativo como também as competências para a escuta e a participação colaborativa e relevante em grupos. (ANTUNES, 2010: 53).

No que tange os textos escritos, é necessário que os textos apresentem as seguintes características:

- Sejam adequados, quanto à temática, à estruturação linguística e ao tamanho, à faixa etária dos alunos;
- Remetam para diferentes contextos geográficos e culturais, não se limitando, portanto, à informação ou dados específicos de uma determinada região ou de um determinado grupo, nessa mesma linha, é recomendável a escolha de textos que explorem também a realidade do mundo rural;
- Procedam de campos sociais diferentes, tais como: ciências, artes, política, religião, economia, trabalho, entretenimento, informação, publicidade, literatura – em prosa e em versos – e, assim, tenham como suportes o jornal, a revista, o folheto, o livro, a enciclopédia, o formulário, o livro de literatura, folheto de cordel, o cartaz, entre outros.
- Revelem a diversidade de gêneros em circulação nos diferentes grupos sociais, como: editoriais, artigos de opinião, exposições de divulgação científica, notícias, notas de esclarecimento, trechos de reportagens, trechos de entrevistas, anúncios, avisos, cartas, convites, declarações, contos, fábulas, crônica, poemas, histórias

em quadrinhos, tiras, charges, cartuns, gráficos, para citar apenas esses;

- Sejam representativos de diferentes dialetos regionais e sociais (prestigiadas e estigmatizadas) e de diferentes registros (na escola do mais formal até o mais informal);
- Sejam diversificados quanto à sua forma de apresentação e, dessa maneira, explorem diferentes recursos visuais (imagens, fotos, figuras, desenhos de variados tipos, tamanhos, cores e formatos de letras);
- Sejam diversificados, ainda, quanto a seu tamanho e a seu grau de complexidade (os alunos não podem ficar limitados à leitura de textos curtos ou mais simples);
- Preservem a unidade de sentido e a relevância do conteúdo, no caso de sofrerem adaptações ou supressões;
- Indiquem os elementos de seu contexto de produção, tais como autoria, suporte, lugar e época de publicação;
- Quando for pertinente, preservem a forma gráfica do suporte original.

Antunes (2010: 55) reitera que “os textos são o campo natural para a análise de todos os fenômenos da comunicação humana. Neles é que os aspectos da produção e da recepção de nossas atuações verbais se tornam acessíveis à observação”. Em suma, o texto é que deve ser o centro, o objeto dos estudos, das análises, das descrições. A gramática, evidentemente, está presente como componente funcionalmente essencial e insubstituível. O que se tem que descobrir é, exatamente, essa funcionalidade de cada recurso gramatical.

Para que se possa fazer uma análise textual, é necessário que se tenha como *foco a dimensão global do texto*, que representa o eixo da coerência. Neste enfoque, Antunes (2010) destaca os seguintes itens:

- O universo de referência – real ou fictício – para o qual o texto remete;
- Seu campo discursivo de origem ou de circulação (isto é, campos científico, didático, jurídico, religioso, político, de informação, de entretenimento, literário etc.);

- Seu tema ou ideia central
- Sua função comunicativa predominante;
- Seu propósito ou sua intenção mais específica;
- A vinculação do título ao núcleo central;
- O critério da subdivisão em parágrafos;
- A direção argumentativa assumida;
- As representações, as visões de mundo, as crenças, as concepções que o texto deixa passar, explícita ou implicitamente;
- Os padrões de organização decorrentes do tipo que o texto se materializa: por exemplo, no caso de textos narrativos, a fidelidade ao esquema da narrativa; a ordenação na sequência dos fatos; a harmonia entre personagens, tempo, espaço e enredo;
- As particularidades da superestrutura de cada gênero (blocos, partes, subdivisões, formas de organizações, de apresentação e de sequência dessas partes);
- Seus esquemas de progressão temática;
- Seus recursos de encadeamento, de articulação de parágrafos ou períodos, a fim de lhe conferir a necessária continuidade;
- A síntese global de suas ideias ou informações;
- O discernimento entre as ideias principais e aquelas outras secundárias;
- Sua adequação às especificidades dos destinatários envolvidos;
- Sua relevância comunicativa na exposição de dados, de informações, de argumentos, isto é, o grau de novidade das informações, o que determina o seu nível (alto, mediano ou baixo) de informatividade;
- O grau de adequação desse nível à situação comunicativa;
- Suas relações com outros textos, o que inclui, mais especificamente, a remissões, as alusões, as paráfrases, as paródias ou as citações literais.

A análise pode ter como enfoque central aspectos mais pontuais de sua construção. Assim, propõe-se que sejam enfocados alguns pontos importantes, tais como:

- As expressões referenciais que introduzem os objetos de referência;
- As retomadas dessas expressões referenciais, que asseguram a continuidade referencial pretendida, seja pela substituição pronominal

(anáforas, catáforas pronominais e dêiticos textuais, seja pela substituição lexical (por sinônimos, hiperônimos ou expressões equivalentes);

- As diversas funções da repetição de palavras ou de segmentos maiores;
- As elipses;
- Aspectos do significado de uma unidade, de uma expressão ou até de um morfema;
- O caráter polissêmico das palavras em decorrência de seu trânsito para um outro campo de referência;
- Os segmentos em relação à sinonímia, antonímia, hiperonímia e paronímia;
- A associação semântica entre palavras (ou cadeia ou redes de elementos afins que se distribuem ao longo do texto);
- A concordância verbal ou nominal e suas relações com a continuidade temática do todo ou de uma passagem;
- Os valores sintático-semântico da conexão interfrásica, possibilitadas pelo uso de preposições, conjunções, advérbios e de respectivas locuções;
- O uso dos dêiticos pessoais, espaciais e temporais e a relação dessas expressões com elementos do contexto;
- A ocorrência de paráfrases e suas marcas indicativas;
- A presença de estruturas sintáticas paralelas;
- Os efeitos de sentidos (ênfase, reiteração, refutação, ambiguidade, humor, gradação, contraste) pretendidos pela escolha de determinada palavra ou por certos recursos morfossintáticos e gráficos (aspas, itálico, sublinhado, diferentes cores, tamanhos e disposição das letras ou figuras etc.)
- Os efeitos de sentido pretendidos pela transgressão de qualquer um dos padrões morfossintáticos e semânticos estabelecidos;
- As marcas de ironia;
- As marcas de envolvimento do autor frente ao que é dito;
- Os comentários do enunciador sobre seu propósito discursivo;
- A forma (direta ou indireta) de como o interlocutor está presente ou apenas suposto;

- As “falas” que se fazem ouvir;
- Os implícitos ou “vazios” de sentidos;
- Os diferentes usos e correlações dos tempos e modos verbais;
- As marcas das especificidades de uso da oralidade ou da escrita;
- O nível de maior ou menos formalidade da linguagem utilizada;
- A presença de sinais que indicam a distribuição das informações em itens, em pontos distintos;
- As marcas de polidez convencionais;
- Aspectos da pontuação, da ortografia das palavras e da apresentação gráfica do texto, subordinados, sempre, à coerência e relevância.

A análise linguística pode acontecer no plano global ou no plano local, desde que seja feita em função do sentido, da compreensão, da coerência, da interpretabilidade do que é dito.

No ensino de língua, o enfoque maior deve ser dado para a compreensão dos sentidos, das intenções e da função com que as coisas ditas. Dessa forma, procura-se perceber, com tais análises, a função pretendida para cada uso, para cada escolha. Em tudo o que dizemos, nossas escolhas não são aleatórias.

### 3. ANÁLISES LINGUÍSTICAS DE GÊNEROS TEXTUAIS

#### 3.1 PESQUISAS, METODOLOGIA, DADOS

Esta pesquisa teve um enfoque, inicialmente, bibliográfico, cujos autores pesquisados, subsidiaram todo o referencial teórico que embasará as análises feitas posteriormente. A partir das ideias lançadas, propõe-se um trabalho metodológico para ajudar professores de Língua Portuguesa, na prática de ensino.

Foram selecionados alguns gêneros textuais mais utilizados e trabalhados em sala de aula, procurando fazer uma análise linguística observando os planos global e local, de acordo com as teorias apresentadas por Irandé Antunes, no livro “Análises de Textos – fundamentos e práticas”.

##### 3.1.1 Análise de uma anedota

###### Texto O Boateiro

*Diz que era um sujeito tão boateiro, que chegava a arrepiar. Onde houvesse um grupinho conversando, ele entrava na conversa e, em pouco tempo, estava informando: "Já prenderam o novo Presidente", "Na Bahia os comunistas estão incendiando igrejas", "Mataram agorinha o Cardeal", enfim, essas bossas. O boateiro encheu tanto, que um coronel resolveu dar-lhe uma lição. Mandou prender o sujeito e, no quartel, levou-o até um paredão, colocou um pelotão de fuzilamento na frente, vendou-lhe os olhos e berrou:*

*- Fogoooo!!!*

*Ouviu aquele barulho de tiros e o boateiro caiu desmaiado.*

*Sim, caiu desmaiado, porque o coronel queria apenas dar-lhe um susto.*

*Quando o boateiro acordou, na enfermaria do quartel, o coronel falou pra ele:*

*- Olhe, seu pilantra. Isto foi apenas para lhe dar uma lição. Fica espalhando mais boato idiota, por aí que eu lhe mando prender outra vez e aí não vou fuzilar com bala de festim, não.*

*Vai daí soltou o cara, que saiu meio escaldado pela rua e logo na primeira esquina encontrou uns conhecidos:*

*- Quais são as novidades? - perguntaram os conhecidos.*

*O boateiro olhou pros lados, tomou um ar de cumplicidade e disse baixinho:*

*- O nosso exército está completamente sem munição.*

(STANISLAW Ponte Preta. *Dois amigos e um chato*. São Paulo: Moderna, 1986. p.48)

Pode-se destacar neste texto:

✓ A escolha do vocabulário – aproxima-se do nível coloquial – o que dá um nível de informalidade e causa efeito de humor, comicidade, características típicas da anedota.

✓ O título, “Boateiro”, pelo qual já se pode presumir por onde vai o curso das informações trazidas.

✓ A expressão de uma ameaça, explicitamente colocada: *“Fique espalhando mais boato idiota por aí, que eu lhe mando prender outra vez”*.

✓ Marcas da oralidade própria de contextos informais, como: início do texto com a expressão *“Diz que era”*, uma linguagem bem usual na contagem de boatos, quando não é conveniente explicar “o agente” do verbo “dizer”. Tal característica se repete na narrativa, com a presença de elementos que indicam a indeterminação: “prenderam o novo Presidente”, “Mataram agorinha um cardeal”, demonstrando uma linguagem típica da oralidade.

✓ *“Onde houvesse um grupinho”* – tem um diminutivo com conotação totalmente coloquial.

✓ *“Mandou prender o sujeito”*, (a força intencional do verbo “mandar”; a expressão referencial [o sujeito], que, ao mesmo tempo, cria distância e expressa informalidade.

✓ *[o coronel] berrou* – uma escolha apropriada por se tratar de um contexto episódico.

✓ *“Daí soltou o cara”* – uma expressão que representa o padrão de gíria.

✓ *“Boato idiota”* – palavra pejorativa, muito usada na oralidade.

✓ *“o cara saiu meio escaldado”* – uma metáfora, que conota a ação de sair desconfiado.

Além desses aspectos, percebe-se que há um domínio semântico que dá o efeito desejado ao texto produzido e reúne os eixos, conseguindo assim, passar a mensagem que se quer. Vejamos abaixo:

✓ O domínio da instituição militar (*coronel, quartel, mandar prender, dar uma lição*).

- ✓ O domínio do castigo pela boataria (*prisão, pelotão, fuzilamento, venda nos olhos, barulho de tiros, cair desmaiado*).
- ✓ A referência à “*bala de festim*” encontra justificativa na disposição do coronel de apenas dar um susto no boateiro ou dar-lhe “uma lição”.

Neste aspecto, observa-se que a seleção vocabular de um texto constitui uma rede, sustentada por nós, cujas pontas nem sempre são imediatas umas às outras. A sequência, na verdade, é dada pelo sentido, que foge à linearidade estrita das palavras no texto.

Além desses aspectos, podem ser analisados os fatos gramaticais do texto, tais como:

- ✓ As marcas da transcrição de um discurso direto (como em, por exemplo, “Olhe, seu pilantra, isto foi apenas para lhe dar uma lição”.
- ✓ A mudança de turnos entre os participantes da interação, sinalizada pelo uso dos travessões.
- ✓ O uso da expressão “Daí”, como marca da ordem sequencial da narrativa.
- ✓ O sentido de encerramento de uma enumeração em: “enfim”.
- ✓ O uso dos chamados “verbos do dizer”, que são frequentes em narrativas em discurso direto, como em: *perguntaram* os conhecidos.

### 3.1.2 Análise de uma Crônica

#### Texto: Nós, os brasileiros

1. Uma editora europeia me pede que traduza poemas de autores estrangeiros sobre o Brasil.
2. Como sempre, eles falam da floresta amazônica, uma floresta muito pouco real, aliás. Um bosque poético, com “mulheres de corpos alvíssimos espreitando entre os troncos das árvores, e olhos de serpentes hirtas acariciando esses corpos como dedos amorosos”. Não faltam flores azuis, rios cristalinos e tigres mágicos.
3. Traduzo os poemas por dever de ofício, mas com uma secreta – e nunca realizada – vontade de inserir ali um grãozinho de realidade.

4. Nas minhas idas (nem tantas) ao exterior, onde convivi sobretudo com escritores ou professores e estudantes universitários – portanto, gente razoavelmente culta –, fui invariavelmente surpreendida com a profunda ignorância a respeito de quem, como e o que somos.
5. – A senhora é brasileira? – comentaram espantados alunos de uma universidade americana famosa. – Mas a senhora é loira!
6. Depois de ler num congresso de escritores em Amsterdã um trecho de um de meus romances traduzido em inglês, ouvi de um senhor elegante, dono de um antiquário famoso, que segurou comovido minhas duas mãos:
7. - Que maravilha! Nunca imaginei que no Brasil houvesse pessoas cultas!
8. Pior ainda, no Canadá alguém exclamou incrédulo:
9. – Escritora brasileira? Ué, mas no Brasil existem editoras?
10. A culminância foi a observação de uma crítica berlinense, num artigo sobre um romance meu editado por lá, acrescentando, a alguns elogios, a grave restrição: “porem não parece livro brasileiro, pois não fala nem de plantas nem de índios nem de bichos”.
11. Diante dos três poemas sobre o Brasil, esquisitos para qualquer brasileiro, pensei mais uma vez que esse desconhecimento não se deve apenas à natural (ou inatural) alienação estrangeira quanto ao geograficamente fora de seus interesses, mas também é culpa nossa. Pois o que mais exportamos de nós é o exótico e o folclórico.
12. Em uma feira do livro de Frankfurt, no espaço brasileiro, o que se via eram livros (não muito bem arrumados), muita caipirinha na mesa, e televisões mostrando carnaval, futebol, praia e mato.
13. E eu, mulher essencialmente urbana, escritora das geografias interiores de meus personagens neuróticos, me senti tão deslocada quanto um macaco em uma loja de cristais.
14. Mesmo que tentasse explicar, ninguém acreditaria que eu era tão brasileira quanto qualquer negra de origem africana vendendo acarajé nas ruas de Salvador. Porque o Brasil é tudo isso.
15. E nem a cor de meu cabelo e olhos, nem meu sobrenome, nem os livros que li na infância, nem o idioma que falei naquele tempo além do português, me fazem menos nascida e vivida nesta terra de tão surpreendentes misturas:

imensa, desaproveitada, instigante e (por que ter medo da palavra?) maravilhosa.

(Lya Luft, 2009: 49-51)

A crônica “Nós, brasileiros” traz um relato pessoal de uma situação vivenciada pelo autor, entremeado da concepção acerca da questão envolvida nesse relato: *a imagem que os estrangeiros têm do Brasil é irreal e fantasiosa*. Na verdade, a crônica não deixa de apresentar um teor argumentativo, uma vez que a estratégia de relatar e comentar os episódios preencheu a função de, tal como argumentos, comprovar o ponto de vista defendido pela autora já no parágrafo introdutório.

Os comentários que preenchem a crônica se apoiam em experiências vividas pela autora, que assume, assim, em primeira pessoa, o papel de narradora participativa. Aliás, o fato de todo o relato acontecer em primeira pessoa já constitui um recurso reiterativo, um meio de marcar a coesão e a coerência do texto.

Quanto à seleção vocabular, observa-se que há repetição de algumas palavras que se repetem. Partindo do pressuposto de que a ocorrência de repetições, mesmo em um texto da prosa literária, não é aleatória, podemos descobrir, nessas repetições, funções discursivas significativas. Veja como isso acontece:

- A repetição da palavra “Brasil” e seus derivados (brasileiro/brasileira) – constitui para leitor uma instrução acerca de um dos tópicos tratados, possivelmente o principal, já que é a palavra que se repete o maior número de vezes; essa conclusão pode ser respaldada pela constatação de que palavras que expressam seu contrário, como “estrangeiro”, e “Exterior”, também ocorreram mais de uma vez; corrobora ainda essa conclusão a referência reiterada a outros países ou cidades de outros países, ou seja, uma pista que regularmente pode ser dada como indicação da trilha por onde vai o tema central do texto é a evidência das repetições.

- Se tomarmos a repetição como reiteração- num sentido bem amplo – podemos constatar que, se as palavras não se repetem literalmente, se repetem seus valores semânticos nas associações que são feitas, até mesmo quando há oposição entre tais valores; observemos, por exemplo, em relação a “Brasil” (e a tudo que de se fala e se conhece), as associações perceptíveis entre itens como floresta, plantas, rios, bichos, flores, carnaval, caipirinha, futebol, praias, matos; igualmente, podemos reconhecer as associações entre as palavras: poemas, romance, escritores, autores,

professores, universidade, estudantes, livros, editora etc.; essas associações já seriam suficientes para nos apontar em que direção vai a unidade semântica do texto.

- Um outro tipo de repetição pode ser visto na recorrência de estruturas sintáticas – o paralelismo – como já definimos, de fato, constitui um recurso de reiteração, uma vez que uma determinada forma de construção sintática – ou uma estrutura de construção dos segmentos – se repete; esse tipo de repetição é *reiterativo* e, portanto, coesivo. O paralelismo é recorrente na sequência “E nem a cor do meu cabelo e olhos, nem meu sobrenome, nem os livros que li na infância, nem o idioma que falei naquele tempo...”.

- A afirmação de que a imagem do Brasil é, para os estrangeiros, muito pouco real encontra coerência, na sequência do texto, com outras expressões, tais como: “bosque *poético*”, *tigres mágicos*, *serpentes hirtas acariciando corpos como dedos amorosos*.

- No final, o segmento “*Porque o Brasil é tudo isso*” é claramente resumitivo, pois o pronome “isso” presta-se muito bem a essa retomada, que, praticamente, reitera todas as afirmações que foram feitas antes sobre o Brasil.

Além desses aspectos, a continuidade da crônica é vista pela sucessão dos fatos da mesma natureza, que, por sua vez, corroboram o ponto central comentado: a imagem que se tem do Brasil no Exterior é *irreal*. Percebe-se, dessa forma, que:

- Nos dois primeiros parágrafos, o tema é posto, assim como a disposição da autora frente a ele (vontade de inserir *ali* (nos poemas que traduz) “*um grãozinho de realidade*”.
- O terceiro parágrafo prepara o leitor para a série de episódios (nas minhas idas [nem tantas] ao Exterior), a partir dos quais a constatação da autora (a imagem que se tem do Brasil no Exterior é *irreal*) vai ser demonstrada.

### 3.1.3 Análises de uma piada

As piadas são interessantes porque grande parte delas versam sobre sexo, política, racismo, instituições (Igreja, escola, casamento, maternidade, línguas), loucura, morte, desgraças, sofrimento, defeitos físicos - para o humor, a velhice, a calvície, a obesidade, órgãos genitais pequenos ou grandes, são defeitos - ou seja,

temas socialmente controversos. Dessa forma, elas servem de excelente *corpus* para que estudiosos possam reconhecer ou confirmar manifestações culturais e ideológicas.

Outra razão que justifica a análise de piadas é que, como elas funcionam, em grande parte, na base de estereótipos, fornecem um bom material para pesquisas sobre *representações sociais*. Por exemplo, nas piadas, judeu só pensa em dinheiro, português é burro, inglesas são frias, japoneses têm sexo pequeno, baiano é preguiçoso, nordestino é o mais potente, etc. Finalmente, as piadas são interessantes porque, quase sempre, veiculam discursos proibidos, subterrâneos, não-oficiais, que, provavelmente, não se manifestariam em uma entrevista, por exemplo. Abaixo, veja a análise de uma piada, que apresenta a sogra como personagem, que sempre causa problemas nas relações conjugais:

#### **Texto: Felicidade Curta**

Um cara chamado Roberto estava todo feliz com a morte da sua sogra. No enterro, ele estava com aquela cara de safado. A esposa mal sabia que ele estava contente. Logo depois do enterro, Roberto foi para casa comemorar. No caminho, quando passou em uma rua que tinha um enorme prédio em construção, um tijolo caiu na cabeça dele. Irritado, ele disse:

- Aquela miserável da minha sogra já chegou lá em cima!!!

Na piada observamos que a sogra enche tanto a paciência que até depois de morta incomoda. Quando um parente ou conhecido morre ficamos triste mas, sendo a sogra, o genro fica feliz e ainda comemora. Assim, o sentido está em ficar alegre e não triste com a morte da sogra, há um deslocamento de sentido quando se trata de sogra. Além disso, pode-se observar que a linguagem aproxima-se muito da fala, revelando informalidade, própria do gênero textual piada.

#### **3.1.4 Análise de Charge**

A Charge é um gênero textual estruturado por linguagem verbal e não verbal, que pode ser analisado numa visão argumentativa e crítica do assunto que aborda. Geralmente, as charges trazem em seu bojo elementos linguísticos

carregados de humor, de sátira, de crítica. Em poucas palavras e muito jogo visual, o autor passa uma mensagem muito séria e convincente.

Figura 1



Na charge acima, vimos um processo intertextual a partir da letra da música infantil “Atirei o pau no gato”, conhecido como paródia. Temos dois gêneros textuais confluindo no mesmo ambiente. A tal processo chamamos de intergenericidade textual. Nesta charge, o autor faz referência ao esquema de corrupção conhecido como “mensalão”, usando também uma frase proferida pelo ex-presidente Lula, caricaturado na imagem (Não fui eu!). Neste gênero textual, pode ser explorado os elementos linguísticos como pontuação, coesão, linguagem verbal e não verbal, além de serem analisados fatores de coerência, como contexto de produção, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, presentes no texto.

### 3.1.5 Análise de uma fábula

As fábulas são narrativas curtas, que tem no final uma moral. Nela configuram como personagens, animais, que mantêm uma postura humanizada. Este gênero textual é bem utilizado nas aulas de ensino infantil e ensino fundamental I, por ser curto e por ter em sua essência elementos mágicos, que atraem a imaginação das crianças.

A Raposa sempre foi muito esperta. Um dia quis provar que era melhor que o leão e foi até ele discutir sobre o assunto.

- Senhor Leão, estive pensando e cheguei à conclusão que sou melhor que o senhor; da última vez que procriei tive três lindos filhotes e, pelo que sei, o senhor é pai de apenas um leãozinho.

- É verdade, respondeu o Leão, mas o meu filho é um príncipe e, um dia, herdará meu lugar e será o rei da floresta; enquanto seus filhotes nunca terão o poder.

Moral da história: Muitos se consideram superiores apenas por ter algum cargo importante.

(Nicéas Romeo Zanchett: 2014)

Na fábula acima, observa-se que as personagens são dois animais: Raposa e Leão. Percebe-se que a narrativa é curta, constituída por fatos ocorridos entre animais que ganham ação humana. Possui discurso direto, caracterizado pela troca dos turnos de fala, entre as personagens e marcados no texto pela presença do travessão. O narrador está em 3ª pessoa sem participar diretamente dos acontecimentos (narrador-observador). A moral da história, que é a parte que mais caracteriza uma fábula é apresentada, dando um entendimento global da ideia desenvolvida em toda a história.

### 3.1.6 Análise de uma Notícia de Jornal

As notícias de Jornais são textos que circulam em vários suportes: jornais escritos, televisionados, sites, e-mails, redes sociais, SMS. Se configuram em estrutura simples da narração: fato, personagens, espaço, tempo e narrador (este é sempre observador). Neste gênero textual é comum se observar uma linguagem mais

formal, no entanto, mais simples e coloquial, pois o autor sempre tenta aproximar as pessoas dos fatos que estão sendo contados.

### **Acidente I**

Ocorreu hoje, 26, no cruzamento da Travessa 13 de Maio com a Avenida Transamazônica, um acidente envolvendo dois caminhões. O senhor José Porfírio, motorista de um dos caminhões, saiu gravemente ferido, em estado grave. A polícia não encontrou o motorista do outro caminhão, pois o mesmo fugiu do local, pois suspeita-se que o mesmo dirigia embriagado e não tem carteira de habilitação e invadiu a preferencial. A polícia vai solicitar imagens das câmeras de segurança das lojas ao redor.

(Jornal do Comercio, Ano VII. Itaituba, 30 de janeiro de 2015).

O texto acima é uma notícia de Jornal, extraída do Jornal do Comércio, que veiculou no dia 30 de Janeiro de 2015. O texto possui característica da tipologia narrativa, apresentando em sua estrutura local personagens (os motoristas – um identificado por Senhor Porfírio –; outro que fugiu do local); local (Cruzamento da Travessa 13 de Maior com a Avenida Transamazônica); tempo (26 de janeiro); o fato (um acidente com dois caminhões); causa (um dos motoristas dirigia embriagado e sem habilitação). O narrador é apenas observador do fato e usa uma linguagem clara, objetiva e simples para informar o leitor. A função predominante neste gênero textual é a referencial.

### **3.1.7 Análise de uma Propaganda**

O gênero textual propaganda é utilizado para apresentar informações sobre um produto, marca, empresa ou política que visa influenciar a atitude de uma audiência para uma causa, posição ou atuação. Nele predomina a função conativa da linguagem, por tentar persuadir o interlocutor a uma atitude, dependendo do objetivo do produto que se apresenta.

Figura 2



O texto acima apresenta uma propaganda a Doril – analgésico para dor de cabeça. Como é muito comum as pessoas sentirem dor de cabeça, de acordo com as pesquisas utilizadas, apresenta-se um bordão, inclusive, bastante utilizado pelas pessoas, num contexto informal “tomou Doril a dor sumiu”. A cor vermelha é predominante, fazendo alusão da cruz que simboliza a saúde. Além disso, observa-se a rima foi utilizada para criar um ritmo e uma melhor assimilação do produto (Doril/sumiu).

### 3.1.8 Análise de Reportagem

O texto de reportagem é feito com base em pesquisas, entrevistas, levantamento de dados e citações, entre outros recursos. Apresenta diferentes vozes sobre o mesmo assunto e tem linguagem objetiva, clara e baseada na variedade padrão da língua. Na reportagem, utilizam-se termos que não dão margem a diferentes interpretações. As citações entram entre aspas e as fontes são sempre identificadas. Variados, os assuntos das reportagens são todos aqueles que despertem interesse do leitor.

A reportagem se diferencia da notícia, por possuir em sua conjuntura vários outros gêneros textuais: entrevistas, depoimentos, gráficos, notícias, opinião do autor, charges, entre outros. O repórter procura discutir todas as possibilidades dos assuntos em voga.

Figura 3



Na reportagem acima, vê-se a presença de um título (*Quanto mais pobre, mais filhos*), lead (*É o que mostra estudo de economista da FGV sobre fecundidade de adolescentes de favelas e de bairros de renda mais alta no Rio*) e vários tópicos que fundamentam e sustentam as ideias do autor. O texto é escrito numa linguagem mais formal, no entanto, apresenta depoimentos de pessoas, que foram entrevistadas pelo autor, para reforçar que a gravidez, principalmente na adolescência, causa problemas seríssimos na vida dos jovens. A função da linguagem que predomina é a função referencial, por informar o leitor da pesquisa que foi feita, sobre as famílias que têm mais filhos no país, que são de classe pobre. Além dos depoimentos, dados estatísticos, faixa etária e citações de nomes das pessoas pesquisadas, subsidiam as ideias abordadas na reportagem.

### 3.1.9 Análise de Artigo de Opinião

O artigo de opinião é um gênero textual de caráter argumentativo, que tende a externar a opinião pessoal sobre determinados assuntos, relevantes e discutidos em determinado espaço de tempo. Possui em sua conjuntura uma estrutura dissertativa, porém, não significa dizer que não pode apresentar um caráter impessoal em sua linguagem. Dessa forma, pode ser desenvolvido em 1ª ou 3ª pessoa.

#### **A volta da esperança**

*Ao contrário do que se pensa nas grandes cidades, os índices de violência estão caindo, graças à demografia e ao desenvolvimento do País.*

Com a atuação da Seleção de Mano Menezes em sua estreia, você pode imaginar que esta coluna se refere às nossas chances de ganhar a Copa de 2014. Não é o caso. O assunto é bem mais sério: a criminalidade vem despencando em alguns locais do País. Não, você não leu errado. Efetivamente, nos últimos dez anos, em algumas cidades e Estados importantes, a violência vem diminuindo, ao contrário de nossa percepção, fortemente influenciada por algumas manchetes bombásticas, como a do caso do goleiro Bruno.

Você deve estar pensando que apenas desistimos de dar queixa de roubos e furtos, pois nossas esperanças de reaver o bem roubado são menores do que a popularidade do Dunga. No entanto, nos últimos anos, nenhum outro indicador de violência mostrou queda mais marcante do que o número de assassinatos. A menos que não estejamos registrando nem os mortos...

Talvez um dos locais onde este fenômeno – não me refiro ao craque gorducho do Corinthians – seja mais marcante é a maior cidade do País, São Paulo. Em junho, a taxa de homicídios por 100 mil habitantes caiu abaixo de nove, 18% menos do que um ano antes.

Em relação aos mais de 64 mortos em cada 100 mil paulistanos no ano de 1999, a queda foi de mais de 85%. Há dez anos, um habitante de São Paulo tinha 600% mais chance de ser assassinado do que um de Nova York. Hoje, a probabilidade é menos de 50% superior à americana.

Em todo o Estado de São Paulo, a taxa de assassinatos também ficou abaixo de nove por 100 mil habitantes, 70% inferior aos níveis de 1999, poupando 48.674 vidas desde então.

No caso das mulheres, a violência caiu a níveis menores ainda. Em mais da metade dos cerca de 2.400 municípios brasileiros nenhuma mulher foi assassinada nos últimos cinco anos.

Por que a redução dos homicídios? Há razões específicas, como a melhoria do aparelhamento policial, o fechamento de bares e a proibição da venda de bebidas em determinados horários. Há também razões econômicas e demográficas. O bom desempenho e a forte geração de empregos têm reduzido a oferta de “mão de obra” para a criminalidade. Nos últimos dez anos, o número de empregos com carteira assinada no Brasil aumentou em mais de 11 milhões. Mais trabalho, menos crime.

O Norte, o Nordeste, o Centro-Oeste e o interior vêm crescendo mais do que o restante do País por causa dos programas de governo e do desempenho excepcional do agronegócio. Com isso, o fluxo migratório inverteu-se. Os grandes centros urbanos do Sul e do Sudeste começaram a desinchar e a violência a cair, ainda que às vezes sendo exportada para outros lugares.

Finalmente, em virtude da queda da taxa de natalidade, a parcela da população entre 15 e 25 anos – as maiores vítimas e algozes da violência – começou a se reduzir. Esta foi a principal razão da queda dos assassinatos nos Estados Unidos

e na Europa nas duas últimas décadas. No Brasil, onde a taxa de natalidade demorou mais a cair, o impacto levou uma década a mais para chegar, mas chegou.

Com a demografia e a economia jogando a favor, é provável que a violência continue em queda. Pode respirar aliviado. A chance de, em 2014, você comemorar o título do time de Neymar e companhia é bem maior do que de ser assassinado.

(Ricardo Amorim, Revista ISTOÉ, 25/8/2010)

O artigo de opinião acima apresenta um tema geral (Violência), um tema específico (Índice de violência urbana no Brasil), uma tese do autor (A criminalidade vem despencando em alguns locais do País). A tese é reiterada quando ele diz que “efetivamente, nos últimos dez anos, em algumas cidades e estados importantes, a violência vem diminuindo”. O grau de adesão com essa ideia é máximo, já que ele procura convencer o leitor com inserções como “Não, você não leu errado”; também dizendo que “a nossa percepção [de que as coisas estão ruins] está fortemente influenciada por algumas manchetes”, exemplificando com o caso do goleiro Bruno. (Observe os modalizadores “efetivamente” e “fortemente”, forma de marcar adesão máxima ao conteúdo proposicional.

Como argumentos usados pelo autor para sustentar sua tese: Ricardo Amorim sustenta sua posição (tese /ponto de vista) com os seguintes argumentos:

- *Dados estatísticos: na cidade de São Paulo a taxa de homicídios por 100 mil habitantes caiu abaixo de nove, 18% a menos que um ano antes; houve queda de 85% em relação a 1999; há dez anos, um habitante tinha 600% mais chance de ser assassinado do que em Nova York e hoje a probabilidade é menos de 50%.*

- *Dados estatísticos: no estado de São Paulo a taxa também ficou abaixo de nove por 100 mil habitantes, 70% inferior aos níveis de 1999. Queda também na violência contra as mulheres.*

- *Causas da redução de homicídios:*

- *aparelhamento policial, fechamento de bares, proibição da venda de bebidas;*

- *razões econômicas (geração de empregos);*

- *razões demográficas: inversão do fluxo migratório nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e no interior, graças ao agronegócio, desinchando os grandes centros urbanos do Sudeste e do Sul; e queda da taxa de natalidade, que reduziu a parcela da população entre 15 e 25 anos – as maiores vítimas e algozes da violência.*

O autor precisa utilizar de todos os argumentos possíveis para sustentar a sua tese, o que torna a sua opinião fundamentada e que possa convencer o leitor a acreditar em sua ideia.

### 3.1.10 Análise de um poema

O poema é um gênero textual constituído de versos e de estrofes, que pode ter rimas ou não. Pode apresentar em seu meio a função poética e/ou função emotiva como predominantes, dependendo texto. Possui linguagem poética, repassando uma mensagem a através de figuras de linguagem.

#### LÍNGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amote assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela  
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Olavo Bilac

O poema é composto de catorze versos, distribuídos em dois quartetos e dois tercetos – um soneto – seguindo as normas clássicas da pontuação e da rima.

Partindo para uma análise semântica do texto literário, observa-se que o poeta, com a metáfora “Última flor do Lácio, inculta e bela”, refere-se ao fato de que a língua portuguesa ter sido a última língua neolatina formada a partir do latim vulgar – falado pelos soldados da região italiana do Lácio.

No segundo verso, há um paradoxo: “És a um tempo, esplendor e sepultura”. “Esplendor”, porque uma nova língua estava ascendendo, dando

continuidade ao latim. “Sepultura” porque, a partir do momento em que a língua portuguesa vai sendo usada e se expandindo, o latim vai caindo em desuso, “morrendo”.

No terceiro e quarto verso, “Ouro nativo, que na ganga impura / A bruta mina entre os cascalhos vela”, o poeta exalta a língua que ainda não foi lapidada pela fala, em comparação às outras também formadas a partir do latim.

O poeta enfatiza a beleza da língua em suas diversas expressões: oratórias, canções de ninar, emoções, orações e louvores: “Amo-te assim, desconhecida e obscura,/ Tuba de alto clangor, lira singela”. Ao fazer uso da expressão “O teu aroma/ de virgens cegas e oceano largo”, o autor aponta a relação subjetiva entre o idioma novo, recém-criado, e o “cheiro agradável das virgens selvas”, caracterizando as florestas brasileiras ainda não exploradas pelo homem branco. Ele manifesta a maneira pela qual a língua foi trazida ao Brasil – através do oceano, numa longa viagem de caravela – quando encerra o segundo verso do terceto.

Ainda expressando o seu amor pelo idioma, agora através de um vocativo, “Amo-te, ó rude e doloroso idioma”, Olavo Bilac alude ao fato de que o idioma ainda precisava ser moldado e, impor essa língua a outros povos não era um tarefa fácil, pois implicou em destruir a cultura de outros povos.

No último terceto, para finalizar, quando o autor diz: “*Em que da voz materna ouvi: “meu filho!/ E em que Camões chorou, no exílio amargo/ O gênio sem ventura e o amor sem brilho”*”, ele utiliza uma expressão fora da norma (“meu filho”) e refere-se a Camões, quem consolidou a língua portuguesa no seu célebre livro “Os Lusíadas”, uma epopeia que conta os feitos grandiosos dos portugueses durante as “grandes navegações”, produzida quando esteve exilado, aos 17 anos, nas colônias portuguesas da África e da Ásia. Nesse exílio, nasceu “Os Lusíadas”, uma das oitavas epopeias do mundo.

### 3.1.11 Análise de Conto

O conto é uma produção narrativa, que existe há muito tempo, desde que houve entre os homens, a necessidade de se contar fatos que vivenciavam, para trocar experiências, informações e, ou, para explicar algo para alguém. Este gênero possui uma extensão curta, conciso; tem apenas uma linha dramática, pois não há tempo para dispersão da ideia principal, dessa maneira, as ações se encaminham para o desfecho. Em virtude da concisão do conto, o tempo também é curto, então, existe apenas uma linha de encaminhamento temporal. Logo, o recurso do *flash back* é raro.

Quanto ao desfecho, todas as ações desenvolvidas no texto têm o intuito de encaminhar o enredo para o grande final, ora um final enigmático, ora, às vezes, sem final, ou até mesmo sem um desenvolvimento flagrante. O mais comum, entretanto, é o conto com uma estrutura tradicional, isto é, com início, meio e fim. E esse final deve sempre ser uma surpresa, a resolução de um enigma, a inversão de uma situação que deveria seguir em direção oposta, ou que pareceria sem resolução. O suspense deve acompanhar todo o texto, já que o objetivo é prender o leitor, então o escritor lhe fornece a catarse – a risada, o susto, a surpresa.

Ela orava fervorosamente todas as manhãs naquela mesma capela. O povo da cidade até conhecia os seus passos. Não houve um só dia de calor. Alguma tempestade ou vento forte que a privasse do ritual. Foram tantas temporadas de fervor. Lágrimas implorando por um milagre. Somente um milagre a poderia salvar de todo o seu martírio. Maria da capela alguns a chamavam pelas ruas das cidade. E ela com o olhar sempre perdido e um leve sorriso nem se importava. Cumpria sua penitência .Como quem busca o inatingível. E o tempo imperou. E naquela manhã de outono .Aquela fiel mulher não aparecera. Burburinhos surgiram. Onde estaria a Maria da capela? Já aproximava-se o cair da tarde. E meia dúzia de curiosos encaminharam-se para a sua casa. O que de tão grave a impediu a sagrada visita matinal? O que teria feito Maria nessa manhã outonal? E ao chegar na ladeira que dava para sua casa. Uma intensa fumaça foi sentida e avistada. E a casa onde Maria morava estava completamente carbonizada. E em um dos cômodos ao lado de centenas de velas. Maria da capela estava abraçada a uma criança com um par de muletas ao seu lado.

### **3.1.12 Análise do gênero textual Entrevista**

Entrevista é uma conversação entre duas ou mais pessoas (o entrevistador e o entrevistado) em que perguntas são feitas pelo entrevistador para obter informação do entrevistado. Os repórteres entrevistam as suas fontes para obter destas declarações que validem as informações apuradas ou que relatem situações vividas por personagens. Antes de ir para a rua, o repórter recebe uma pauta que contém informações que o ajudarão a construir a matéria. Além das informações, a pauta sugere o enfoque a ser trabalhado assim como as fontes a serem entrevistadas. Antes da entrevista o repórter costuma reunir o máximo de informações disponíveis sobre o assunto a ser abordado e sobre a pessoa que será entrevistada. Munido deste material, ele formula perguntas que levem o entrevistado a fornecer informações novas e relevantes. O repórter também deve ser perspicaz para perceber se o entrevistado mente ou manipula dados nas suas respostas, fato que costuma acontecer principalmente com as fontes oficiais do tema.

Neste gênero textual, utiliza-se o discurso direto, colocando entrevistador e entrevistado no mesmo campo. Os sinais de pontuação, tais como interrogação, reticências, dois-pontos, travessão, marcam os turnos de fala e dão ênfase ao que está sendo discutido. É comum que neste gênero apareçam sequências narrativas, descritivas e dissertativas, pois durante a conversa, as pessoas podem contar fatos da vida dela, descrever lugar e opinar e argumentar sobre algum tema ou ideia.

Pode-se identificar de elementos linguísticos verbos no pretérito perfeito e presente. Além de poder identificar na íntegra a intencionalidade, informatividade. Este gênero aproxima-se muito da oralidade, pois a pessoa pode reiterar informações, utilizando expressões como “né”, “pra”, “tava”, “tô”, entre outras, como marcas da oralidade.

**NOME:** João Gonçalves Mascarenhas

**DATA DE NASCIMENTO:** 25 de fevereiro de 1952

***QUAL O NOME DO SEU PAI E DA SUA MÃE?***

Meu pai era o Torquato Gonçalves Ribeiro e a minha mãe a Faraildes Mascarenhas Pires.

***O SENHOR NASCEU AQUI EM ARINOS?***

Eu nasci na fazenda Ponte Alta, nessa época o papai era agregado na fazenda. Naquele tempo o agregado morava na fazenda e plantava lavoura.

***COMO ERA SUA CASA?***

A nossa casa era feita de adobe com telha comum. O chão da casa era todo de terra batida. Não tinha privada e usava o urinol durante a noite.

***COMO QUE VOCÊS FAZIAM AS NECESSIDADES? LIMPAVAM?***

Não tinha fossa às necessidades eram feitas no quintal. Limpava com folha ou sabugo.

***E PARA TOMAR BANHO?***

O banho era na vereda que tinha no fundo da casa. E as mulheres usavam a bacia.

***DURANTE O DIA VOCÊS TRABALHAVAM, E DURANTE A NOITE?***

Era costume o pessoal ficar conversando a noite na cozinha ou então na sala. Quando ficava na sala, acendia uma fogueirinha no meio da sala, para esquentar conversando

***NAQUELA ÉPOCA TINHA MÉDICOS?***

Não.

***COMO QUE ERA FEITO QUANDO VOCÊS ADOECIAM?***

Quando uma pessoa ficava doente, e os remédios caseiros não melhoravam, era morte na certa morria à míngua. A vida era muito dura, só sobrevivia quem era muito forte.

***E AS ROUPAS?***

Era feita por nos mesmo. Para fazer a roupa, a gente colhia o algodão, descaroçava, fazia a linha no fuso ou na roda, tecia o pano no tecedor ou no tear.

***NAQUELA ÉPOCA NÃO TINHA ENERGIA. COMO QUE VOCÊS FAZIAM?***

A luz que tínhamos era a do sol durante o dia e a noite lamparina. O azeite da mamona para a lamparina era feito no pilão. A maioria era pisada no pilão e depois era fervida no tacho, da onde tirava o azeite.

***E PARA CONSEGUI AS COISAS COMO ERAM FEITO?***

Tinha o comercio do Crispim Santana. Ele tinha uma tropa com uns vintes burros e um boi com seis juntas para buscar mercadoria em São Romão, Januária, São Francisco ou Porto da Manga.

***ELES TRAZIAM MUITAS COISAS PARA VENDER?***

O que mais precisava. Era sal, querosene, café, rapadura, tecido, sabonete, botina, botão, agulha, munição para espingarda.

***VOCÊS CAÇAVAM MUITO?***

Vixi demais. A gente caçava e levava o couro para vender em Januária. Era couro de gado, caítiu, veado, anta, lontra, ariranha, onça e gato do mato.

***E OS CASAMENTOS?***

A mulher era só aquela que a gente casava com ela ou alguma que o marido morria ou separava. Só sobrava mulher velha. (risadas)

O homem era verdadeiro, só valia a palavra dele

***O QUE O SENHOR MAIS GOSTAVA NAQUELA ÉPOCA?***

O bom daquela época eram as festas que a gente ia a cavalo ou no carro de boi.

***QUE FESTAS ERAM ESSAS?***

A festa dos Santos Reis que era celebrada em todas as fazendas; na última sexta-feira de Agosto, tinha a festa de morrinhos; a festa no Angical, no dia três de maio; na Serra das Araras, no dia treze de junho.

Nestas festas a gente rezava, bebia, dançava e namorava.

No texto acima, percebe-se a presença de elementos da entrevista, identificados em maiúsculas a fala do entrevistador, seguida pela resposta do entrevistado. Como a entrevista tinha como objetivo identificar os hábitos de pessoas que viviam no interior e as dificuldades que tinham, sem os aparatos modernos, a entrevista ganha um caráter cômico, de acordo com as respostas do entrevistado.

### **3.1.13 Análise de História em Quadrinhos**

Nos quadrinhos se observa a utilização de dois códigos: o linguístico e o das imagens. Estes podem ser analiticamente separados mas são complementares para a leitura dos quadrinhos. Entretanto, em alguns momentos pode haver predominância de uma ou outra linguagem. Assim, a relevância na linguagem das histórias em quadrinhos se encontra nas imagens; como, por exemplo, nas cores, as ambiências criadas pelas sombras, pelos enquadramentos, que nos informam sobre as características das personagens e do desenvolvimento da ação.

Figura 4



Sobretudo, o que dá a marca da linguagem dos quadrinhos são os balões, o espaço onde a fala ou pensamentos dos personagens são inseridos. O uso dos balões delimita a diferença entre quadrinhos e qualquer outra forma de narrativa.

Ao lado disso, algumas ferramentas linguísticas são criadas para superar limitações específicas tais como a falta de som; por exemplo, como o tamanho das

letras e tipos de balões que indicam a intensidade da voz. Isto permite que os leitores possam ‘escutar’ sem que nenhum som seja emitido. Outro traço característico são as onomatopeias: palavras, letras, sinais e desenhos que procuram reproduzir os sons, os ruídos, as ideias etc.

A narrativa nos quadrinhos oferece uma pista importante para se entender os efeitos diversos que o autor objetiva em sua história. Através da escolha de um certo tipo de narrativa o autor pode vincular seu produto a várias possibilidades de convenções de leituras e experiências cotidianas dos leitores. Quando produz uma história em quadrinhos o autor tem muitas possibilidades relacionadas ao uso de cores, tipos de letras, convenções tais como balões, tamanho dos painéis e posição dos eventos dentro deles.

## **CONCLUSÃO**

Diante do exposto, percebe-se que os gêneros textuais fazem parte da nossa vida, cotidianamente e a escola, como lugar de aprendizagem, precisa estimular o indivíduo a conhecer a função social que sua língua possui. Isto porque não nos comunicamos de forma fragmentada e sem contextualizações, e sim, colocamos nos textos que produzimos, seja oral ou escrito, uma carga pessoal, intencional e contextual muito grande.

O ensino de Língua Portuguesa não deve ser concebido de tradicional, em que o texto é visto como algo do autor, ignorando o leitor e todo o seu conhecimento de mundo, conhecimento prévio e conhecimento linguístico. Cabe ao professor processar os conhecimentos linguísticos do aluno de forma adequado, levando-o a perceber que sem os textos não somos capazes de nos comunicar, que são eles que corroboram e facilitam toda a comunicação humana nos dias de hoje. Seja através de um recado, bilhete, placa de venda, outdoor, propaganda, classifica, carta, post nas redes sociais, charges, estampas de camisetas, crônicas, ou todo e qualquer texto, que circulam nos mais diferentes meios – casa, trabalho, rua, bares, restaurantes, pontos de ônibus, metrô, aeroportos, hospitais, lojas etc., em dada situação comunicativa, carregado de intenção, só se consegue transmitir uma ideia com eficiência linguística os elementos que a constituírem estiverem devidamente posicionados.

Para isso, vimos o quanto são necessários os fatores de coerência e os mecanismos de coesão, que organizam o a estrutura textual vislumbrando os aspectos morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos e pragmáticos, capazes de, por si só, dar conta de organizar toda uma ideia textualizada, seja em um texto de uma sentença, quanto a um livro inteiro.

Professores do Brasil inteiro precisam ter uma postura de leitores e de analistas de gêneros textuais, para que o texto seja visto em sua essência e que possam direcionar aos alunos os questionamentos pertinentes para um entendimento global e estrutural do texto e leva-los a adquirir a prática de textos, de forma dinâmica, interacional e eficiente, sem se ater apenas às visões superficiais de compreensão ou a elementos estruturais do texto.

Dessa forma, este trabalho colabora com os docentes de Língua Portuguesa, com acadêmicos do curso de Letras e demais pessoas interessadas em conhecer o texto, não como um produto a ser aprendido na escola, com regras e prescrições gramaticais, mas como uma estrutura criada e gerada pela necessidade do indivíduo de interagir com outro socialmente, usando a maior capacidade que diferencia o homem de outros animais: a linguagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1979,
- \_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance..* 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem.* 8 ed. São Paulo : Hucitec, 1997
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido.* Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1997
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/* Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998
- CASTELL, M. *O poder da identidade.* A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. V. 2. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHAUÍ, M. A linguagem: *Convite à filosofia.* 13 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. IN: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). *Gêneros Orais e Escritos na Escola* . Campinas: Mercado das Letras, 2004.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura.* São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- FLORES, Valdir. Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação. *Letras de Hoje.* Porto Alegre: EDIPUCRS. v. 36, nº 4, p. 7-67, 2001
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- KOCH, I.G.Villaça & FÁVERO, L. Lopes. Contribuições a uma tipologia textual. *Letras & Letras.* Uberlândia: EDUFU, V.3, no 1.p.3-10.junho,1987.
- MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: conceitos-chave.* São Paulo: Contexto, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Orgs.) Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R. e BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & Ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. 3ªed. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

\_\_\_\_\_. Os gêneros e o corpo do acabamento estético. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos. Texto digital, apresentado em MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística de Texto: o que é e como se faz*. Série Debates 1, Universidade federal de Pernambuco, 1983.

MEURER, J. L. e MOTTA-ROTH, D. (Orgs.) Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: SP: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. Gêneros Textuais e Letramento: práticas de ensino de Língua Materna. Bauru: SP: EDUSC, 1996.

NEVES (2006) Gêneros: ontem, hoje e sempre. In: GOMES, Leny da Silva e GOMES, Neiva M. Tebaldi (Org.). *Gêneros discursivos na aprendizagem de língua e literatura: uma perspectiva dialógica*. Porto Alegre: Editora UniRitter, 2006. Não paginado. (No prelo).

ROJO, R. H. R. A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino de compreensão e produção de textos na escola. In: BRAIT, B. Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ROJO, Roxane. *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC, 2000.

SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. Gêneros orais e escritos na escola. Campina: SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TATIT, Luiz. *O cancionista: composição de canções no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

VAN DIJK, Teun. A cognição, discurso e interação. São Paulo: Contexto, 1992.

ZANCHETT, Nicéas Romeo. FABULAS DE ESOPHO. Disponível em: <http://asfabulasdeesopo.blogspot.com.br/>. Acessado em: 31/10/2014.

